

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — CARLOS JOSÉ DE SOUSA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI — Número 1.658

Terça-feira, 22 de Abril de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º, Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-C

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 115 e 113

Prosseguem com entusiasmo,
na cidade de Goimbra, os tra-
balhos do II Congresso Nacio-
nal Metalúrgico

DE COIMBRA

O II Congresso Metalúrgico

Inauguraram-se anteontem os trabalhos — Saudade aos presos
por questões sociais — Protestos contra as perseguições da reacção
burguesa — Procura-se dar à organização uma estrutura em har-
monia com as necessidades da classe

COIMBRA, 20. — Como não podia deixar de ser, a realização nesta cidade do 11.º Congresso Nacional Metalúrgico conseguiu atrasar um pouco a atenção das classes trabalhadoras tendo essa feito uma regular comparação às sessões do congresso e mostrado interesse pela discussão dos diversos assuntos debatidos, segundo o seu devido com desejos de conhecer.

O congresso iniciou os seus trabalhos pelas 14 horas, presidindo a comissão organizadora, Francisco Viana da mesma comissão das saudações de boas-vindas aos congressistas, metalúrgicos e trabalhadores de Coimbra, enviando saudações à C. G. T. na pessoa de Silva Campos, seu secretário geral e delegado ao congresso. Saída também todos os presos por questões sociais a ferros da república e diz esperar que desta reunião da família trabalhadora metalúrgica alguma coisa de bom saia, porque assim é preciso, tanto mais que neste momento todas as classes trabalhadoras estão com os olhos fitos no nosso congresso em defesa dos metalúrgicos, contribuindo para o fortalecimento da Central do proletariado da região portuguesa.

Silva Campos, em nome da C. G. T., saudando o congresso, diz que para se demonstrar o desejo que alimentam as classes trabalhadoras, tornando a organização capaz, é necessário que os trabalhadores deem à organização todo o seu esforço, completando assim o que as classes proletárias almejam. A sua saudação, trazida até ao congresso pelo C. G. T., é saudação de todos a massa organizada, de toda a família trabalhadora que contribuem pelo seu alcance para a emancipação dos trabalhadores, Mário Lebre do Sindicato Metalúrgico de Coimbra, sauda também o congresso, e manifesta, em breves mas claras palavras, quanto se sente satisfeito por receber o sindicato de Coimbra em seu seio todos os metalúrgicos do país.

Protestos e Saudações

Segue-se Artur Cardoso do Sindicato U. M. de Lisboa, que depois de saudar o congresso e os presos por questões sociais, envia para a mesa uma proposta de teor seguinte:

1.º — Proponho que se envie um telegrama aos presos por questões sociais dando-lhes as saudações em nome dos congressistas metalúrgicos.

2.º — Que se envie um telegrama ao presidente da república, em nome do congresso, pedindo a amnistia dos mesmos presos.

3.º — Que igual telegrama seja enviado aos representantes de Espanha em Portugal, pedindo o indulto de Juan Achero e Poeta condonado à morte pelo díctrio espanhol.

Rodrigues dos Santos, aproveita a ocasião para comentar violentamente o proceder do governo dos Soviéticos e propõe que o protesto a aprovar seja extensivo até ao governo ditatorial russo que atraíram a revolução operária levada a efeito no mesmo país.

Saúl de Sousa, manda para a mesa também uma proposta que diz: «Que seja enviado um telegrama ao representante da Argentina em nome da classe metalúrgica portuguesa, reunida em congresso, protestando contra a condenação à morte de 3 operários daquela nacionalidade e reclamam o seu imediato indulto e libertação».

Depois de algumas considerações, entra a seguinte proposição:

«Verificando-se que a burguesia nacional e internacional vem há tempos perseguição dura forma ferros e anti-humana, a classe produtora ao ponto de cortar-lhes o direito à vida; os metalúrgicos da região portuguesa reunidos no seu Congresso Nacional de Indústria, resolvem instar com a C. G. T. do sentido de a mesma iniciar desde já um movimento nacional de protesto no sentido de terminar com tais crimes».

Artur Cardoso voltando novamente a falar refere-se às insídias contidas em O Comunista, verberando indignamente o proceder daqueles que merecidamente dizem desejar a revolução.

Rodrigues dos Santos, aproveita a ocasião para comentar violentamente o proceder do governo dos Soviéticos e propõe que o protesto a aprovar seja extensivo até ao governo ditatorial russo que atraíram a revolução operária levada a efeito no mesmo país.

Saúl de Sousa, manda para a mesa também uma proposta que diz: «Que seja enviado um telegrama ao representante da Argentina em nome da classe metalúrgica portuguesa, reunida em congresso, protestando contra a condenação à morte de 3 operários daquela nacionalidade e reclamam o seu imediato indulto e libertação».

Discute-se o regulamento do Congresso

Em seguida entra-se na discussão do Regulamento do Congresso, tendo-se essa discussão mantido serena até ao momento em que Saúl de Sousa, do Sindicato M. do Porto, introduziu uma modificação à conclusão 3 do artigo 4.º.

J. Rufino, do Sindicato U. M. de Lisboa, referindo-se à modificação de Saúl de Sousa, começa fazendo-lhe um ataque cerrado porque se pretende discutir um trabalho perfilhado pelo S. Metalúrgico do Porto, trabalho pertença do sindicato de Lisboa.

História e argumenta, defendendo a seu modo de ver o assunto, dizendo que em nome do Sindicato que representa, protestava contra a tese em questão.

Saúl de Sousa, do Sindicato Metalúrgico do Porto, insurge-se pela forma como são tratados os assuntos, pois que abusando-se de frases se está insultando o seu sindicato, e ele, como delegado

só admite insultos.

Santos Viseu faz algumas declarações interessantes pois pretende justificar como a tese Organização Metalúrgica chegou ao Porto e foi perfilhada pelo S. U. M. e o direito que a qualquer assiste de fazer do seu trabalho o que entender, porque apenas do seu esforço.

Artur Cardoso e Joaquim da Silva, alargam-se em considerações pesadas sobre o procedimento de Gonçalves Vilela, relator da tese, e como ele, abusando, foi entregar a ouvirem um trabalho que já não lhe pertencia mas ao sindicato de Lisboa.

Sobre este assunto, que apaixonadamente interessa ao Congresso, especula-se que em breve a emancipação dos trabalhadores seja um facto, unindo-se totalmente todos os metalúrgicos e respetivas classes produtoras.

Associam-se também a todas as manifestações do Congresso Zácarias de Almada e Jacinto Rui, do S. Único Metalúrgico de Lisboa, desejando que o Congresso empreenda todos os trabalhos, os maiores possíveis benéficos para a organização.

Uma saudação à "A Batalha"

Joaquim da Silva do S. U. M. de Lisboa, faz diversas considerações sobre estabelecendo-se uma questão imensa. Fa-

lam Zácarias de Pinho delegado do sindicato de Almada; Quirino Moreira do sindicato de Faro; Santos Viseu do Comitê do Norte; Rainha do sindicato do Porto; Rufino, Joaquim da Silva e Artur Cardoso do sindicato de Lisboa.

E regredida a admissão da tese do Porto

J. Rufino, para bem definir a sua posição no Congresso diz que não pode discutir e aprovar a tese apresentada pelo sindicato do Porto que é Organização Sindical Metalúrgica, que além desse trabalho ser pertença do seu sindicato ele o não podia consentir, porque de tudo o que já citara, tem a acrescentar que a assembleia geral a reprovou.

Neste momento Quirino Moreira pretende estabelecer uma plataforma contemporânea o que não consegue. Joaquim de Sousa e Lúcio Costa estabelecem vivo diálogo acirrando-se de momento o incidente.

Francisco Viana, da comissão organizadora, faz diversas considerações sobre o procedimento do sindicato do Porto, e de Gonçalves Vilela, não conseguindo apresentar uma conciliação para as partes desaventadas.

Vai proceder-se à votação da emenda de Daniel de Sousa.

Joaquim da Silva faz declarações, dizendo abandonar, como delegado, a discussão do trabalho reprovado pelo seu sindicato, cumprindo assim o seu dever.

Saúl de Sousa e Santos Viseu, do sindicato do Porto e comité do Norte, não tendo talvez compreendido bem as aclarações feitas pelos delegados de Lisboa, comentam o seu procedimento por julgarem querer esses delegados abandonar o Congresso.

A emenda é rejeitada: a tese do sindicato do Porto, portanto, não era admitida ao Congresso, fazendo estes delegados uma declaração de voto.

Tudo parecia portanto sereno, indo-se entrar na discussão do restante do regulamento.

Devido ao prolongamento da sessão já ser tarde, foi a mesma encerrada as 20 horas.

Continua a discussão na segunda sessão

São 22 horas, chegam os primeiros congressistas, notando-se que os delegados do norte não estão presentes.

Zácaras Pinho do sindicato de Almada, num rasgo de simpatia, descreve que o Congresso se realizará para bem dos metalúrgicos, procura, falando com os delegados de Lisboa, arranjando uma plataforma conciliadora.

Jacinto Rufino refere-se ao incidente passado declarando em complemento da proposta do delegado do Sindicato de Almada, Zácaras Pinho, que aceita, embora tenha de sujeitar-se ao resultado do que a assembleia do seu sindicato resolva, a plataforma apresentada pelo sindicato de Lisboa, entrando juntamente à discussão com a outra tese sobre estrutura de organização.

Os delegados do sindicato de Lisboa, fazem uma declaração, que aceitando a referida tese o fazem individualmente, pois que como já atrasou dito, em nome do seu sindicato o não pode fazer.

Terminou pois a segunda sessão, embora os trabalhos ainda fizessem parte da primeira, com geral agrado e satisfação de todos os delegados, que assim, pondo acima de tudo os interesses da organização e o desejo de trabalhar pela emancipação dos trabalhadores, se encerrou a sessão, pela 1 hora da madrugada.

UM POLICIA assassinou um homem no Bairro Alto

Por mais de uma vez A Batalha se tem feito eco de queixas contra as violências e abusos praticados no Bairro Alto pelos polícias Viana e «Sébento», que agredem a torto e a direito sem contemplações por ninguém.

Apesar de não só A Batalha mas ainda outros jornais terem condenado a atitude provocadora destes mantenedores da ordem, continuaram esses caldeiros a praticar as violências do costume porque os superiores nunca se incomodaram e até parecem acharem bem o procedimento dos subordinados.

Enão em face de tudo o que se passa, e desejando mais uma vez que a unidade sindical seja mantida a todo o custo, Zácaras Pinho apela para o Congresso, citando o procedimento do sindicato de Lisboa que aceita a discussão da tese anteriormente rejeitada.

Santos Viseu assim como os restantes delegados do Porto são incluídos na plataforma conciliadora apresentada por Zácaras Pinho.

Alega o polícia que o Mário pixara de navalha para o «Sébento»; no entanto muitas criaturas que presenciam o caso sangrento, afirmam, tendo já ido repórter nesse sentido no governo civil, que o facto não é verdadeiro.

A indignação é geral contra a ferocidade do guarda, demasiadamente conhecido pelas suas práticas no Bairro Alto, mas não nos admirará que continue a praticá-las, porque não é o primeiro caso que se tem verificado de guardas que assim procedem não só serem louvados como ascenderem ao posto imediato.

Em tal impunidade casos destes hão de repetir-se, para bem da ordem e modificação dos costumes, segundo o que se afirma, e é assim, a tiro, a pranchada, a cavalo marinho, que se conseguem educar, admitindo para o caso o critério policial.

Vai proceder-se a um inquérito, diz-se. Porém o resultado já nos sabe.

Os delegados do sindicato de Lisboa, fazem uma declaração, que aceitando a referida tese o fazem individualmente, pois que como já atrasou dito, em nome do seu sindicato o não pode fazer.

Terminou pois a segunda sessão, embora os trabalhos ainda fizessem parte da primeira, com geral agrado e satisfação de todos os delegados, que assim, pondo acima de tudo os interesses da organização e o desejo de trabalhar pela emancipação dos trabalhadores, se encerrou a sessão, pela 1 hora da madrugada.

A. FRITAS.

NA NORUEGA

70.000 operários atingidos pelo "lock-out"

As greves ilegais e a atitude dos organismos reformistas em face dos patrões

Ha vários meses que se travam na Noruega as mais difíceis lutas de dez milhões de corpos que deviam ir parar ao cofre dos capitalistas quando se declare uma greve ilegal. Evidentemente que a organização reformista não pode aceitar essa condição que provocou um forte movimento de resistência em todo o proletariado.

Actualmente foram atingidos pelo lock-out 50.000 operários da indústria metalúrgica. Como réplica a essa atitude da classe patronal declararam-se em greve 16.000 operários da indústria metalúrgica, premeditavam-se em greve 16.000 operários da indústria do papel, de modo que neste momento se encontram em luta 70.000 trabalhadores. Entre as organizações patronais e com os seus respectivos sindicatos apresentaram o pedido de abolição dos pactos colectivos para 1924. Deste modo esperam os capitalistas defender-se este ano contra todas as greves. E' de prever que a organização reformista considera ilegal e os operários são considerados e condenados pelos tribunais ordinários como malfeitos.

Apesar disso, mais de 5.000 metalúrgicos se declararam em greve ilegal. O organismo metalúrgico reformista não pode apoiar essa greve porque se dirige contra as tarifas por elas criadas. Em face disso foi criado um «comité» especial de grevistas.

Para melhor compreensão deste conflito diremos que há alguns anos foi aprovada uma lei, com o apoio dos sindicatos democratas e dos actuais comunistas, sobre os tribunais de arbitragem que tem a função de conciliar os conflitos entre os operários e os capitalistas.

Se os trabalhadores não reconhecem a sentença do tribunal de arbitragem e recorrem para a greve esta é considerada ilegal e os operários são considerados e condenados pelos tribunais ordinários como malfeitos.

Neste momento, entende Silva Campos, secretário geral da C. G. T., que há alguns anos foi aprovada uma lei, com o apoio dos sindicatos democratas e dos actuais comunistas, sobre os tribunais de arbitragem que tem a função de conciliar os conflitos entre os operários e os capitalistas.

O organismo metalúrgico reformista não pode apoiar essa greve porque se dirige contra as tarifas por elas criadas. Em face disso foi criado um «comité» especial de grevistas.

As greves ilegais e a atitude dos organismos reformistas em face dos patrões

(Do serviço de imprensa da A. I. T.)

REVOLUTIVOS

(Ded. e of. do Mário Domingos)

Quem vive? A lei do trabuco, A Calabria e a Palperra, com o povo a pagar o luxo. Nos sítios que caíram, Deslocaram-se e caíram.

Quem vive? A lei do mês forte, O seu personal, o carácter. Quem é por lá? a norte. O dinheiro — a salma mater.

E a roupa que lhes dá sorte.

Quem vive? A cega justiça. Quem faz perder a banca. Para a banda da cubica. Do comércio e da finanças. De quem é scrava submissa.

Quem vive? A devassidão.

O crime feito Virtude.

Quem morre? A mágoa de pão, De liberdade e saúde?

E o povo, a multidão.

As coisas vão assim torcas,

A saber das forças vivas,

A quem a lei guarda as portas,

Te que um dia, decisivas,

Operem as forças mortas.

José BENEDY.

UM MONUMENTO A ZOLA

PARIS, 21. — E' inaugurado no dia

15 de Junho próximo o monumento ao grande escritor Emilio Z

A BATALHA

Diário sindicalista

CRÓNICA DO PORTO

COMEMORAÇÃO INFELIZ

Os trabalhadores marítimos de Matosinhos e Leça de Palmeira, ignorando as coisas da terra, incorrem num êrro grave

Os trabalhadores marítimos de Matosinhos e Leça de Palmeira resolveram comemorar a revolucionária data do 1.º de Maio com uma função festiva, anunciam por uma retumbante alvorada e enriquecida por um piedoso bôdo aos filhos dos sócios inválidos ou já falecidos...

Aquela ruidosa classe conhece mais o mistério do mar e a história das vagas, do que os mistérios de terra e a história dos povos. Por assim dizer analfabeta, nunca leu os estoicos episódios das grandes lutas do operário Yankee, que deram origem aquela data que vai comemorar com foguetório e possivelmente com uma fanfarra.

Os trabalhadores marítimos de Matosinhos e Leça desejavam imprimir à sua festa o maior cubo de brilhantismo possível. Na sua ignorância pelas questões operárias e sociais, julgam encontrar a almejada impotência na colaboração oficial, na festa, do capitão do porto de Leixões e da Câmara Municipal.

E que aqueles humildes trabalhadores desconhecem que o 1.º de Maio é um protesto internacional contra os mortícios de Chicago em 1887, contra a prisão e o encarceramento de oito intelectuais propagandistas do movimento operário americano contra as tiranias do Estado, contra as arbitrariedades da autoridade, contra as explorações estupendas do capitalismo escravizador.

Se os trabalhadores marítimos de Matosinhos e Leça soubessem que o 1.º de Maio representa uma luta cruenta pela conquista das oito horas; uma greve colossal, iluminada pelo fogo de metralha da polícia e tingida pelo sangue de centenas de vítimas, em prol de mais um pouco de liberdade e bem estar, uma revolta de escravos contra os senhores, dos humildes contra os poderosos, dos ludibriados contra os exploradores.

Se os trabalhadores marítimos de Matosinhos e Leça compreendessem que o 1.º de Maio traduz a aspiração suíma da felicidade geral, a qual só será possível com a transformação desta

DESPORTOS

FUTEBOL

Os desafios de domingo

O enorme calor que no domingo fez não obviou a que o campo do Sporting se enchesse, tal era o desejo de assistir aos anunciantes desafios de futebol.

No primeiro desafio, entre o Sporting Club de Portugal e o Sporting Club Olhanense, foi derrotado o Olhanense por 3-1. Este desafio, pode-se dizer-lhe em verdade, agrado plenamente, tendo causado sensação o jogo movimentado, de passes curtos, que o Olhanense desenvolveu especialmente na primeira parte.

O Sporting não se empregou a fundo, permitindo assim que os algarvios (?) brilhassem. Na segunda parte mudou a feição do jogo, que se manteve num certo equilíbrio, pois o Sporting entrou atacar, engarrando por vezes o rival.

Neste, o ponto fraco foi a sua defesa.

O guarda-redes é o elemento mais fraco; apenas no fim da segunda parte teve defesas oportunas, algumas das quais foram atribuídas à sorte que o bafejava.

O médio centro brilhou, como já brilhou no desafio anterior; é, por dívida, o melhor homem no grupo. Nada vimos que nos demonstrasse a excelência do ponta direito, apresentado como o melhor no grupo; poucos centros o mesmo ésses atirados. É também verdade que tanto no jogo contra os Belenenses como no jogo contra o Sporting, teve do seu lado médios contrários, cuja actuação é igualmente brilhante.

A opinião geral sobre o Olhanense é, no entanto, excelente.

O desafio seguinte, entre o Celta e a Casa Pia A.C., terminou pela derrota do provável vencedor do campeonato de Lisboa por 4-1. A vitória do grupo galês foi conseguida nos últimos dez minutos, em que foram marcadas três bolas que elevaram a quatro o número de bolas adquiridas pelos visitantes.

O Celta fez o seu melhor jogo, apresentando-se reforçado com alguns elementos, entre eles Polo, já conhecido em Lisboa; esperávamos porém melhor, em vista dos reclames que a grande imprensa lhe fez.

O guarda-redes não é elemento de esparzer; Polo não fez o que já naquele campo fizera, quando se exibiu pela primeira vez, o ponta direito, seleccionado para fazer parte do grupo espanhol que irá aos jogos olímpicos, poucos centros fez, e mal. Enfim, sem ser de grande classe, é um grupo regular.

Sendo estas as características do crédito industrial, era dentro delas que o referido Banco teria de operar, e assim se justifica que só agora possa publicar o seu primeiro relatório industrial.

Mas, se os resultados são para nós motivo de júbilo e orgulho, não devemos ocultar que muitos foram os obstáculos a transpor, numerosíssimas as dificuldades a vencer.

Cada um dos casos apresentados comportava um estudo especial e cuidadoso: análise da operação em si, previsão aproximada dos seus resultados e apreciação justa da individualidade de que o propunha.

De facto, neste campo de operações bancárias, o crédito pessoal ocupa um lugar preponderante.

Não se deve de forma alguma abstrair numa proposta a estudar, da pessoa do apresentante. Podem os aspectos económicos e financeiros dessa proposta ser os mais risonhos e excelentes, deixando antever um êxito seguro. O exemplo consciente e minucioso doponente é indispensável, como indispensável é que ele corresponda aos requisitos do relatório do «COMPTOIR NATIONAL D'ESCOMPTE», em 1910:

«prestares o concurso incessante não sómente às Empresas de primeira e segunda ordem, mas ainda aos modestos comerciantes e industriais, quando nos sentimos assegurados do seu espírito de prudência, amor ao trabalho e da sua probidade.

Este cuidado, pois, na escolha do colaborador em determinada empresa exige tanta solicitude e tanta reserva como o próprio negócio em si.

Dai a necessidade dum conhecimento seguro, a todo o momento renovado, dos meios industriais, cujas condições de existência variam constantemente, merecendo das várias contingências a que a indústria está sujeita.

Todas estas considerações mereceram a Direção do BANCO INDUSTRIAL PORTUGUEZ o maior cuidado, tendo sempre presentes, não se afastando das suas apêndices.

A nossa ação tem-se exercido principalmente junto da média e pequena indústria, não podendo o BANCO INDUSTRIAL PORTUGUEZ prestar o seu concerto à grande indústria por que, em primeiro lugar, esse papel cabe mais propriamente aos consórcios bancários, que aliás não existem em Portugal; em segundo lugar, porque as suas

Depósitos de vendas a retalho: EM LISBOA

Rua dos Fanqueiros, 187, 2.º NO PORTO

Rua Fernandes Tomás, 392-A

Trabalhadores: lide e propaganda Su-

lemente de A Batalha

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

LIMAS

MARCAS REGISTADAS

As melhores das da União, Tomé Peixoto, Vicente de Carvalho, Pedro e outros todos as lojas deferenciadas realizam em

Pedidos a CARLOS A. SANTOS

RUA DA PALMA, 6 a 12

Lembre aos meus amigos e fregueses que

compram vendendo todos os artigos de ou

releira e joalheria por preços com os

quais ninguém pode competir, embora haja

que se incomoda por eu ester vendendo

barato.

Peco uma visita a minha casa,

Corrompo a qualidade dos brilhantes e

os seus preços, e verão depois quem é melhor e mais barato vende.

Tenho sempre artigos em 2.º preço ren

vados com pouco feito.

Não confundir, primeira casa Fraga, subindo a Rua da Palma.

Telefone, 3676 N.

Pedras para isqueiros

Legítimo metal Auer único pri

legiada e acreditada universalmen

te por ser a que faz melhor faz

e que tem maior duradura.

Dizia 60 centavos

(cuadado com as imitações)

Venda aos centos e aos milhares, assim como isqueiros, ro

los, tubos, pipos e tamões, aos

melhores preços para revenda.

Pedidos a CARLOS A. SANTOS

RUA DA PALMA, 18

Perfumaria Elite

Completo sortido de utensílios para barbeiros

Larga do Calhariz, 18

(Edição de «A Luta»)

TELEFONE 1148 CENTRAL

DAVID C. COSTA

Ourives joalheiro

Nesta casa se encontra um completo sortido de artigos de ourive

saria e joalheria pelos preços mais económicos.

Aos amigos de «A BATALHA» se lhe concede um «bonus»

especial, bastando que depois da compra realizada, apresentem o jornal,

sendo maior o «bonus» para aqueles que provem ser assinantes.

Há sempre artigos de ouro que se vendem a peso

RUA DA PALMA, 18

Os melhores retratos são os da

Fotografia América

de A. R. Prata

RUA DO REGISTO CIVIL, 6, 1.º

(ao Intendente)

TELEFONE 3029 N.

Scavochi disse-me Douarnek, nós não nos dir

gimos, segundo as tuas ordens, para o acampamento

ao pôr do sol; ficámos ancorados, decididos a esp

rar-te até ao amanhecer; mas pensando que talvez

viesses a outro sitio da margem do rio, bordejámos

da; foi nesta ocasião que ouvimos o teu brado, e, há

um instante, o ruído de uma luta; desemborcámos, por

tanto, para corrermos em teu auxilio. Esta manhã,

quando te vimos rodeado daqueles diabos negros, o

nossa primeiro movimento foi remar para terra e vir

morrer ao teu lado...; mas lembrei-me das tuas

ordens, e reflecti que morrermos era tirar-te todo o

meio de retirada... Finalmente, estás connosco; vol

temos para o acampamento. Má visinha é esta das

esfaldas.

Enquanto Douarnek me falava desta forma, Elwig

arremessava-se sobre o corpo de Riowag dando urros

de furor e soltando amargurados suspiros. Por mais

detestável que fosse aquela criatura, a sua dor sensi

bilisou-me... Ia dirigir-lhe a palavra, quando Douar

nek exclamou:

— Scavochi, não vez ao longe aqueles archotes?

designou-me, na direcção do campo dos frances, mui

tas luzes que pareciam aproximar-se com rapidez.

— Deram pela sua fuga, Elwig, disse-lhe eu pro

curando arrancá-la de ao pé do corpo do seu amante,

a quem estava estreitamente abraçada, e redobrando

os gritos e os soluços; teu irmão persegue-te...; não

há um momento a perder... Vem vel!

— Scavochi, disse-me Douarnek em quanto eu pro

curava debalde conduzir comigo Elwig, que não res

podia sentir-se com soluços; aqueles archotes são os

dos guerreiros...; não ouves os seus rugidos?

— Agora caminharemos mais duzentos passos, dis

se-me Riowag, e estaremos no sitio onde desembarcaste debaixo das nossas flechas. O teu barco deve

esperar-te a pouca distância... Se nos enganaste, o

teu sangue tingiria o areal, e as águas do Rheno ar

rastrearão o teu cadáver.

Poder-se-há gritar da margem para o largo? pre

gueuntei eu ao franco, sem ser ouvido das vedetas do

acampamento?

— O vento sopra da margem para o Rheno, disse

-me Riowag, com a sua sagacidade de selvagem; po

dés gritar, que não te ouvirão do acampamento? e se

rás ouvido no meio do rio.

Depois de haver caminhado mais alguns passos, Riowag parou e disse-me:

